

9

**A DEVASTAÇÃO NA RELAÇÃO MÃE-FILHA JUNTO À
FREUD, LACAN E LYGIA FAGUNDES TELLES*****DEVASTATION IN THE MOTHER-DAUGHTER RELATIONSHIP
WITH FREUD, LACAN AND LYGIA FAGUNDES TELLES***

Charles Elias Lang³¹
Wildicleia Oliveira Lopes³²

RESUMO: Psicanálise e literatura, juntas, mostram que para viver é preciso inventar. A personagem Gina, do conto *‘Uma branca sombra pálida’*, não conseguiu ir muito longe em sua criação: calou-se de vez, ainda jovem. Já Adriana, personagem do conto *A medalha*, prova da morte em vida, repetindo fracassos na tentativa de deles se esquivar. No que concerne às suas mães, em ambos os contos, estas transbordam sobre as filhas suas incógnitas de mulher, tornando-as prisioneiras de seus desejos devastadores. Dois lados que pelas semelhanças se encontram, e que pela intensidade das demandas e pelos desentendimentos dos ditos se chocam. É por meio desse lugar grandioso, de filhas que demandam incessantemente às mães e de mães que demandam incessantemente às filhas, que Lygia Fagundes Telles mostra não só o poder da palavra, mas o poder da palavra de uma mãe. O mundo literário é capaz de fazer pontes, e uma delas está direcionada aos estudos psicanalíticos. Freud, Lacan e Lygia Fagundes Telles viveram às voltas com o mundo humano e as excentricidades que extrapolam seus seres.

PALAVRAS-CHAVE: Freud; Lacan; Devastação; Psicanálise; Literatura.

ABSTRACT: *Psychoanalysis and literature, together, show that in order to live it is necessary to invent. The character Gina, from the short story ‘A Pale White Shadow’, did not get very far in her creation: she fell silent for good, still young. Adriana, on the other hand, a character in the short story The Medal, is proof of death in life, repeating failures in an attempt to dodge them. As far as their mothers are concerned, in both tales, they overflow their daughters with their unknowns as women, making them prisoners of their devastating desires. Two sides that meet due to similarities, and that due to the intensity of the demands and the misunderstandings of the said parties, collide. It is through this grandiose place, of daughters who demand incessantly from their mothers and mothers who incessantly demand from their daughters, that Lygia Fagundes Telles shows not only the power of the word, but the power of a mother's word. The literary world is capable of building bridges, and one of them is directed to psychoanalytic studies. Freud, Lacan*

³¹ Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, Porto Alegre) Especialista em Filosofia da Linguagem e Teoria do Conhecimento (UNISINOS) e em EAD (UNED, Madrid). Graduado em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS, São Leopoldo, RS). Professor titular no Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (IP/UFAL, Maceió, AL). Pesquisador e Supervisor em Psicologia Clínica nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Psicologia da UFAL. Coordenador Acadêmico do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da UFAL. Membro do GT "Psicanálise, Política e Cultura". Secretário Executivo da Anpepp (2014-2016) Psicanalista, Analista Membro de Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA)

³² Mestra em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Pós-graduada em Clínica psicanalítica pelo Centro Universitário CESMAC, Graduada em psicologia pelo Centro Universitário CESMAC. Docente no curso de psicologia CESMAC do Agreste. Membro do NAE (núcleo de apoio extensão) Cemac do Agreste. Psicanalista membro do Fórum de psicanálise do campo lacaniano Alagoas (FCL-AL/ IF - EPFCL-Brasil)

and Lygia Fagundes Telles lived around the human world and the eccentricities that extrapolate their beings.

KEYWORDS: *Freud; Lacan; Devastation; Psychoanalysis; Literature.*

1 INTRODUÇÃO

Psicanálise e literatura: um encontro que sinaliza sua relevância desde o início das descobertas freudianas, num diálogo valioso sobre as questões que circundam a humanidade. O amor e o ódio são pautas centrais nos enredos que preenchem as páginas dos livros e nos romances que permeiam a vida humana. Foi apostando nesse significativo encontro que tomamos de empréstimo a literatura de Lygia Fagundes Telles para que junto às considerações psicanalíticas desenvolvidas por Sigmund Freud e Jacques Lacan pudessemos discorrer acerca de uma temática tão fundamental para a clínica da psicanálise e, ao mesmo tempo, tão sensível de ser abordada: a devastação na relação mãe-filha.

Lygia Fagundes Telles é uma das maiores contistas brasileiras, uma escritora que colocou o feminino na palavra a cada texto que elaborou. Seus escritos são capazes de conversar com a realidade de cada leitor. Neste trabalho, especificamente, dois de seus contos – *Uma branca sombra pálida* e *A medalha* – que abordam de forma tocante a temática da devastação entre mãe e filha, foram utilizados, emprestando beleza às complexidades humanas nas quais a psicanálise tanto se debruça. A devastação é um conceito psicanalítico elaborado por Jacques Lacan para fazer menção à relação de duas figuras que se precisam, se demandam e, por isso, se angustiam, vivendo entre amor e ódio em um laço de muito sofrimento. Duas mulheres que não conseguem se comunicar, porque apenas um dos femininos parece operar através da voz imperiosa da mãe.

O termo devastação, ainda que fundado por Lacan, tem suas raízes nas concepções freudianas. Nos anos de 1931 e 1933, ao se dedicar à temática do feminino, Sigmund Freud passa a dar ênfase à relação primária da criança com sua mãe – em especial as meninas. O mistério que há muito ronda o universo das mulheres também inquietou o inventor da Psicanálise: "o que quer uma mulher?" foi uma das questões por ele suscitadas em um de seus diálogos com Marie Bonaparte (Zalberg, 2003). As históricas que passaram por sua clínica e deitaram em seu divã, com seus corpos esborrando algo ainda desconhecido, encaminharam-no para novas compreensões quanto ao atravessamento do complexo de Édipo para a menina, bem como à estruturação futura de uma mulher.

De acordo com Freud, os enigmas femininos estariam ligados à relação primária da menina com sua figura materna, mais especificamente em torno da fase que antecede o complexo de Édipo, a fase pré-edípica, afirmando que cada mulher poderia ser compreendida por sua função sexual (Freud, 1933/2019a). Foi em torno de tais considerações que o autor proferiu as conferências *Sobre a sexualidade feminina* (1931) e *A feminilidade* (1933), deixando claro que suas construções ainda seriam muito vagas, e que aqueles que quisessem saber mais sobre a feminilidade se voltassem aos poetas ou aguardassem o trabalho dos novos pesquisadores (Freud, 2019a). Jacques Lacan parte das concepções freudianas e avança nas investigações sobre o feminino, compreendendo que há, nas mulheres, algo a mais, algo que transborda, que excede o próprio corpo e possibilita modos singulares e variados de viver, em que cada uma buscará meios de lidar com a falta que a constitui, a qual sua mãe – também uma mulher como ela – não foi capaz de explicar. Assim, Lacan inaugura o conceito de devastação para dizer de um vínculo necessário, mas que, no transcorrer da vida, pode se tornar nocivo para ambas, pois, de acordo com a teoria lacaniana, se o desejo da mãe não for mediado pela função do pai, a criança fica exposta a todas as capturas fantasísticas, tornando-se objeto da mãe sem ter outra função senão a de revelar a verdade desse objeto (Lacan, 1970/1992a).

Da catástrofe à devastação, da literatura à vida. A psicanálise nasce para investigar aquilo que na vida humana se desconhece, enveredando nos conteúdos inconscientes para compreender e tratar dos sofrimentos pela via da palavra. Palavra cara, que a literatura explora antes mesmo da psicanálise; ainda que possam divergir em seus propósitos (se é que há um específico), ambas se sustentam pelo poder da palavra. Freud, Lacan e Lygia Fagundes Telles viveram às voltas com o mundo humano e as excentricidades que extrapolam seus seres.

2 A ORIGEM DO CONCEITO PSICANALÍTICO DA DEVASTAÇÃO NA RELAÇÃO MÃE-FILHA

O conceito psicanalítico da devastação na relação mãe-filha é inaugurado por Jacques Lacan na década de 1970. Porém, as investigações em torno dessa temática já marcavam seu início com Sigmund Freud. Ainda que o autor não nomeie o estudo como tal, nos anos de 1931 e 1933 ele profere duas conferências significativas sobre as questões do feminino – *A feminilidade (1931)* e *Sexualidade feminina (1933)* –, que foram fundamentais para as novas descobertas sobre a constituição da mulher e a função da figura materna. É nesse período que Freud funda o termo catástrofe para se referir à complexidade na estruturação do inconsciente na menina, considerando a importância do vínculo entre ela e a mãe.

Depois de um significativo período de estudos sobre o desenvolvimento sexual infantil, Freud percebe que o futuro da menina dependerá de sua relação inicial com a mãe, que sua estruturação de mulher e suas escolhas amorosas estarão vinculadas ao seu processo de ligação e separação junto àquela. Somente separando-se dessa figura tão fundamental é que a menina poderá escapar à catástrofe de permanecer até o fim de sua vida presa à dual ligação de amor e ódio que a impedirá de caminhar com mais autonomia, o que não garante que, na ocorrência da separação, os sentimentos hostis se dissolvam por completo, pois, segundo o autor, algo disso restará. De acordo com Freud (2019a), a ligação com a mãe pode acabar em uma espécie de ódio que perdura por toda vida ou pode ter uma parte dele supercompensada, superada.

As pontuações suscitadas acerca dessa temática na teoria freudiana apresentaram limitações que foram reconhecidas pelo próprio autor e abordadas de modo mais aprofundado pelos pós-freudianos, a exemplo de Jacques Lacan, que adentra nos estudos sobre a estruturação feminina desenvolvendo a investigação quanto à complexidade que circunda a mulher e seus lugares de mãe e filha.

Jacques Lacan deu sequência aos estudos sobre os mistérios femininos, inovou a psicanálise. Por meio de suas elaborações em torno da linguagem, na qual o sujeito é habitado – e pela qual se humaniza –, Lacan divide o mundo humano sob a ótica do significante e da significação, abordando lugares permeados por funções de linguagem que dão ao ser humano um lugar no mundo. O ser falante só adquiriu seu poder de fala porque o símbolo o fez homem (Lacan, 1953/1998a). Por essa vertente, o autor seguiu investigando as incógnitas em torno da mulher, os restos irresolutos que a marcam e a colocam do lado daquilo que excede, inclusive em sua função e efeito de fala.

Mulheres que indagam incessantemente outras mulheres – em especial as mães – sobre a falta de uma representação simbólica que as possa definir, que fale de seus corpos. Mas, pelo fato de a linguagem não alcançar aquilo que excede em seu modo de gozo, elas não obtêm respostas que possibilitem resolver seus enigmas. Sempre filhas, às vezes mães, mas sempre atravessadas pelos símbolos, imagens e resquícios inconscientes que as fazem transbordar.

3 A CATÁSTROFE: OS INDÍCIOS NA TEORIA FREUDIANA

Durante o desenvolvimento da teoria psicanalítica, que teve como criador Sigmund Freud, a figura da mãe como objeto amoroso passou a vincular-se a tudo que adquiriu grande importância no esclarecimento psicanalítico das neuroses, originando a fase do desenvolvimento que ficou conhecida como complexo de Édipo (Freud, 1924/2019b). Essa fase se estenderá tanto para a menina quanto para o menino, possibilitando a estruturação do aparelho psíquico e, posteriormente, a formação da masculinidade e da feminilidade de cada sujeito. A entrada no complexo de Édipo, para ambos os sexos, se formula entre semelhanças e especificidades, mas a saída se dará de maneira completamente distinta. Ao se deparar com as diferenças anatômicas entre ele e a menina, bem como as interdições quanto aos seus atos sexualizados, o menino compreende que algo pode lhe acontecer como punição por seu desejo incestuoso, tal qual ocorreu com a menina, e, por medo de perder o seu pênis, tomado pela angústia de castração – assim nomeada por Freud –, ele se afasta do complexo de Édipo, se identifica com o pai, que, como ele, é possuidor do pênis e direciona para objetos substitutos o desejo que outrora entendeu como proibido.

A estruturação da menina também passa pelo Édipo e pela castração, mas tais complexos exigirão dela maior movimentação libidinal e maior sofrimento pela separação e troca de seu primeiro objeto de desejo. O que a psicanálise chama de castração corresponde à primeira separação instituída pelo pai na relação fechada entre a mãe e a criança, que está, em seus primeiros tempos de vida, totalmente submetida aos desígnios maternos (Zalcberg, 2003). O pai também instituirá uma separação entre a mãe e a filha, mas, diferentemente do menino, essa cisão terá uma maior dificuldade quanto à identificação. De acordo com Zalcberg (2003, p. 15):

Para o menino, a identificação masculina recebida do pai é, em princípio,

resolutiva de seu Édipo porque marca sua separação com a mãe. Não é o caso da menina, (...). Ela ainda terá, à saída do Édipo, de continuar a procurar uma identificação feminina; esta, só poderá encontrar junto à mãe, mulher como ela.

A ocorrência do Édipo, na menina, possui fatores complicadores, pois ela, que também tem a mãe como seu primeiro objeto de amor, precisará encontrar um caminho para o pai, mas “como, quando e por que ela se desliga da mãe?” (Freud, 2019c, p. 285). Observando a dificuldade da saída da menina de seu Édipo, Freud percebe a importância de compreender a fase que a antecede: a fase pré-edípica. No ano de 1931, em sua conferência sobre sexualidade feminina, ele passa a abordar de forma mais aprofundada a relação mãe-filha e a se aproximar mais de sua relevância.

O pai, que inicialmente era apresentado como figura fundamental, tornou-se secundário em seus últimos escritos, e a relação pai-filha também passou a ser visualizada nas dependências de sua fase pré-edípica: quanto mais intensa fosse a relação da menina com a mãe, em seus primeiros momentos de vida, mais intensa seria sua relação posterior com o pai, em que este sairia da posição de rival incômodo para se tornar seu novo objeto de amor, numa ligação intensa e apaixonada, tal como havia sido com a mãe. De tal forma, a menina terá a intensa tarefa de se deslocar da figura materna para a paterna, retornando para a identificação com sua mãe após a compreensão de que é um sujeito à parte e não sua extensão ou complemento.

A teoria freudiana sobre a sexualidade dos sujeitos está vinculada à primazia do falo, que, para o autor, faz referência ao pênis e à sua representação enquanto presença ou falta nos diferentes sexos. O autor considera que a menina reconhece seu lugar de inferioridade, por ser ela portadora de um órgão tão pequeno como o clitóris, órgão este que seria análogo ao pênis, colocando a menina – diante de sua inveja do pênis – em uma posição masculina na construção de sua sexualidade. Segundo Freud, é como se por muitos anos a vagina não existisse para a menina: o clitóris seria a parte do corpo onde ocorreria o essencial da genitalidade na infância da mulher (Freud, 2019c). Apenas com o abandono da fantasia de possuir um pênis a menina passa a reconhecer a falta: esta, através de sua mãe e de outras meninas em seu convívio, toma um caráter de imagem generalizada quanto à condição de seu sexo.

Segundo a teoria freudiana, a menina só se torna mulher quando abandona sua posição masculina originada pelo atravessamento do Édipo. É no atravessamento e no declínio desse período que a mãe passa a ocupar um lugar de hostilidade na relação com

a filha. O reconhecimento de sua inferioridade e, por conseguinte, da superioridade do sexo oposto provoca nela uma revolta por ter vindo ao mundo como menina, e essa responsabilização é direcionada à mãe, àquela que a fez imperfeita e insabida, e dela será preciso afastar-se.

É de acordo com a intensidade dessa relação inicial que se apontará a dificuldade de separação entre elas, bem como a dificuldade de se eleger o sexo oposto como seu novo objeto amoroso. A viragem da menina em direção ao pai é uma evidência de que ela conseguiu escapar do que Freud nomeou, em sua conferência sobre a sexualidade feminina, como catástrofe, no que tange à sua relação de profundo apaixonamento com a mãe (Freud, 1931/1996). Se a menina não consegue parar de direcionar suas demandas pulsionais à figura da mãe, ela tenderá a vivenciar grande sofrimento em sua construção de mulher. Viverá uma ambivalência que trará para ambas sofrimento.

4 A DEVASTAÇÃO EM LACAN: DA MULHER À RELAÇÃO MÃE-FILHA

Não é novidade que, para a psicanálise, a infância é o ponto de partida para a compreensão dos sofrimentos humanos. É lá que tudo começa, que o homem ou a mulher se formam, que a letra faz nome e a linguagem possibilita um lugar. Freud (1905/2016) já havia escrito, nos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, acerca das diferenças entre o homem e a mulher, abordando conceitos, mas também lugares, apresentando três orientações para melhor tratar da complexidade humana, que vai além do sexo posto pela biologia. Para ele, homem e mulher precisariam ser pensados por três sentidos: de passividade/atividade, biológico e sociológico (Freud, 1905/2016, p. 139).

Com isso, Freud já sinalizava que os lugares do feminino e do masculino não seriam dados somente pelo órgão genital, e que haveria uma contradição estrutural entre a psique e a anatomia. Como afirma Zalcberg (2003, p. 103-104), “o reconhecimento da ausência da diferença sexual no inconsciente fora uma das maiores descobertas de Freud; ela atestava uma contradição estrutural entre a ordem psíquica e a ordem anatômica para todo sujeito”. De tal modo, ainda que suas articulações privilegiassem a existência ou não do pênis, ao tratar da temática do falo, algo em seus escritos possibilitou avanços, a partir de leituras mais próximas sobre a técnica que se propunha a curar sintomas neuróticos pela palavra.

A tríade freudiana mãe-filho-pai, bem como a premissa do falo e a incidência da castração, ganharam, a partir de Lacan, outras possibilidades em meio às discussões psicanalíticas. Lacan tratou do falo como significante e, com isso, fez também novas elaborações quanto à castração, seguindo sua compreensão do inconsciente estruturado como linguagem. O falo, enquanto representante do pênis, tem sua história originada na antiguidade. Tido como um símbolo de força e proteção digno de ser venerado e cultuado pelos povos antigos de religiões pagãs, ele era a marca da potência dos deuses itifálicos enquanto órgão masculino em ereção.

Com a religião monoteísta, os deuses e o falo passaram a ser rejeitados por terem suas práticas consideradas como obscenas e orgíacas. Lacan, então, vai retomar a concepção de falo por seu atributo divino e não por seu caráter biológico: em sua teoria, o falo torna-se o significante do desejo, significante que marca o inacessível, o impossível de ter, a não ser pela via do simbólico (Roudinesco & Plon, 1998). Para ambos os sexos, o falo é a marca da falta, da castração. Ainda que o homem (do sexo masculino) acredite tê-lo, ele o tem apenas enquanto significante, aquele que o representa como sujeito para outro significante (Lacan, 1973/2008a).

Assim, com Lacan, o complexo de Édipo vai além, percorrendo discussões sobre a lógica do ter ou não ter o falo, ser ou não ser o falo. Nessa dimensão, a figura da mãe é aquela que encarna o Outro fundamental para a criança, aquela que, em seu início de vida, lhe proporciona as inigualáveis satisfações, que interpreta cada grito e que corresponde a cada necessidade sua, até o momento em que essa criança inicia sua atuação no mundo dos seres falantes, no mundo da linguagem e, então, passa a demandar ao outro aquilo que deseja; com isso, experimenta a perda de algo nessa relação que jamais encontrará tal e qual. Como afirma Zalcberg (2003, p. 57): “Esse é o momento em que a criança terá de expressar suas necessidades de forma articulada ao outro; (...). Ter de pedir o que deseja (...) confronta a criança à ordem da perda”. A primeira marca de existência da criança no mundo humano se dará pela sua relação de dependência com a mãe. No entanto, para que se constitua sujeito, precisará separar-se dela e buscar novas correspondências que possam lhe sugerir outras possibilidades de encontrar o que junto a esta, que não mais lhe atende por inteiro, não encontra mais.

As complexidades em torno da mulher – desde os mistérios sobre elas, que perpassam histórias, até os memes criados para falar da impossibilidade de explicá-las – puderam ser mais bem pensadas pela teoria lacaniana. Nela, o autor apresentou a

compreensão de que, da mulher, o que se pode capturar é a inexistência de uma representação específica capaz de dizê-la, de um significante que a defina e que possa simbolizá-la desde o início de sua vida. Filha e mãe, ambas estão atravessadas pelas complexas questões do feminino. De tal modo, no campo da mãe também está a mulher. Como afirma Soler (2005, p. 90), “[...] ali onde havia surgido a mãe do amor, Lacan invocou... a mulher”. É nessa perspectiva que Lacan vai abordar a relação mãe- filha, pela via do ser mulher: aquela que, enquanto filha, pôde tornar-se mulher por intermédio de uma outra mulher, sua mãe.

É a partir da figura materna e da desafiadora tarefa de separar-se dela que essa filha poderá inserir-se no mundo do desejo. De tal forma, alienar-se inicialmente ao desejo da mãe e separar-se posteriormente dele, ao menos em parte, é o caminho que se faz necessário para inventar-se mulher, para que cada uma possa construir sua feminilidade como for possível. Tal separação se dará, fundamentalmente, com a inscrição na metáfora paterna, em que o Nome-do-Pai será capaz de dar nome ao desejo da mãe e possibilitar que essa filha se erga, ainda que com uma imensurável fenda em seu ser, já que a entrada da função paterna também representa a perda. Como afirmam Roudinesco e Plon (1998, p. 544): “[...] a função paterna não é outra coisa senão o exercício de uma nomeação que permite à criança adquirir sua identidade”.

Os vínculos, o amor (demanda), o gozo, a dependência do Outro e os cortes fazem parte do mundo neurótico, tanto dos meninos quanto das meninas. Na teoria lacaniana, o Outro é representado em seus matemas pela letra A, a primeira letra do alfabeto. Representando algo do supremo e do inalcançável, ao qual o ser humano estará vinculado desde o início de sua vida. Em sua teoria, Lacan apresenta a necessidade de que nele haja um corte: um corte em sua supremacia e completude perfeita, sendo simbolizado, teoricamente, por uma barra (A). Isso que dele se perde, que cai e não se sabe conscientemente o que e para onde foi, Lacan chamou de objeto *a*, objeto que não tem forma, nem consistência, que é da ordem do real, do inconsciente. É ele a causa de desejo que fará o sujeito sentir-se atraído por alguém (alguma coisa), que o fará despertar para outros amores na busca – sempre fracassada – de encontrar esse tal objeto de satisfação perdido e que está ligado ao Outro, mais especificamente ao que do Outro se perdeu, já que “[...] é como desejo do Outro que o desejo do homem ganha forma” (Lacan, 1960/1998b, p. 828).

Esses acontecimentos languageiros proporcionam a criação de desejos mais autênticos, possibilitam que a criança construa diferentes formas de existir no mundo e siga, na vida, buscando dar sentido ao sem sentido, amparada pela linguagem. À mulher resta ser para que sua “inexistência” ganhe sentido. Essa inexistência d(A) Mulher, elaborada pela teoria lacaniana, faz menção à impossibilidade desse “A” como artigo definido que possa designar o universal, pois a mulher não pode ser toda dita do lado fálico. Ela é não toda dita. Ela diz dela, mas não diz tudo, porque, ainda que ela muito fale, algo dela escapa à representação da linguagem.

5 A DEVASTAÇÃO NA RELAÇÃO MÃE-FILHA

Vida e morte também são termos pertinentes para se abordar a temática da dita mulher (filha de uma outra mulher), habitada por esse gozo Outro, indizível, suplementar. Aquele que a coloca do lado fálico, mas *não-todo* em sua modalidade de gozo. Que vai além do falo, que escapa à linguagem e, portanto, não faz coletivo, porque não há um significante que a defina. Não há algo que a identifique como tal e igual a uma mulher – exceto sua mãe, que também é insabida e a partir da qual precisará entender-se como outra, para além dela e, assim, conseguir ter uma voz à parte, com a autenticidade que lhe seja possível, tarefa bem difícil. E é nisso que a temática da morte se aproxima das questões sobre a mulher e a mãe, nas dependências de uma relação mãe-filha: quando não há espaço para serem duas, sem voz e sem movimento de desejo, há mais morte do que vida.

É preciso que a voz operante do Outro falhe a ponto de se formularem novas palavras em meio aos ecos. Por esses corpos femininos não terem algo que marque tão claramente suas diferenças, as sequelas em torno dos mal-entendidos de tal relação se perpetuarão, algumas com mais danos, outras com menos danos, mas dessa relação não sairão ilesas. Diferentemente do dito homem, que se apropria da função fálica para assegurar-se como homem na posição masculina, estando ele do lado *todo fálico* em seu modo de gozar, onde uma mulher ou um homem pode representar o significante fálico que lhe é tão necessário. Do lado dessa relação entre mãe e filho, tem-se uma maior possibilidade de autonomia deste, já que, em seus corpos, há um significante que lhes apresenta a diferença, e que junto à lei do pai, quando inscrita, marcará mais tranquilamente tal separação.

Quando se discorre sobre maternidade, na psicanálise, também se discorre sobre o amor, seja em sua presença, em sua ausência ou em seu excesso. A construção do imaginário sobre a palavra amor ocupa tanto espaço com o ideal da beleza e do romantismo que escapa algo fundamental quanto ao seu emergir: o amor demanda amor, ele quer retorno e, quando olhado mais de perto, é possível ver as devastações originadas por ele (Lacan, 1973/2008b). Amor que não se reduz ao belo, mas que também faz menção à dor, porque nele moram desejos que estão sempre atravessados pelo Outro, marcando histórias que se repetem e deixam seus restos. Reminiscências que remontam às representações de tantas demandas outras, estabelecendo diversos tipos de relações, onde a linhagem do feminino e da maternidade segue rondando vida e morte, quietude e devastação.

6 A MATERNIDADE SOB O EFEITO DA LINGUAGEM: A PSICANÁLISE E OS ESCRITOS LITERÁRIOS DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Lygia Fagundes Telles é reconhecida mundialmente como u/ma das principais contistas da língua portuguesa. A escritora é dona de uma narrativa inquietante, detalhista e, principalmente, dramática. Seu modo de escrita aproxima o leitor das verdades e fragilidades humanas. É uma paulistana que desde a adolescência decidiu-se pela criação literária, decisão que a levou para importantes premiações da literatura nacional e internacional.

Em 1982, Lygia foi eleita para a cadeira 28 da Academia Paulista de Letras, e em 1987 tomou posse da cadeira 16 da Academia Brasileira de Letras, na vaga deixada por Pedro Calmon. Rodeada e admirada por amigos e escritores ilustres – Hilda Hilst, José Saramago, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, – Lygia Fagundes Telles viveu ativamente no universo das palavras, deixando uma importante marca do feminino na literatura brasileira. Seus textos não se propõem a ensinar nada: eles iniciam e terminam sem que haja de fato um fim; com isso, Lygia dá ao leitor a possibilidade de utilizar seu imaginário e seguir com os personagens vivos (ou mortos), continuando suas histórias:

Uma das características dos contos de Lygia é a de recusar o alívio. [...] Não se aliviam os seres, não se alivia aquele que lê suas histórias. [...] aquele que lê terá de arcar ele mesmo com resolver internamente as questões suscitadas (Resende, 2016, p. 60).

A literatura trabalha com o retorcido, o sinuoso e não com as retas; tal qual a psicanálise, ela lida bem com a estranheza. Ambas acolhem os equívocos, os tropeços na palavra e as voltas que estruturam os livros e as histórias dos pacientes que chegam à análise. A psicanálise lida com os conteúdos inconscientes, com o capítulo censurado, onde parte da história do sujeito é marcada por um branco ou ocupada por uma mentira, e onde sua verdade, já escrita em outro lugar, pode ser resgatada (Lacan, 1998a). A conversa entre esses dois campos pode render importantes trabalhos, sejam eles literalmente escritos ou subjetivamente experienciados.

A literatura tem, em seu trajeto, modificações históricas, e seu desenvolvimento acompanha o percurso e o impacto da escrita no meio social. As épocas avançam, as eras se modificam, e os modos de escrever sofrem alterações em contraste com o funcionamento da sociedade. Os romances, que outrora descreviam mocinhos e bandidos e preocupavam-se com os finais felizes, no início do século XX passam a caracterizar-se por uma escrita mais realística, abordando conteúdos de cunho psicológico. Como afirma Reuter (2012, p. 24): “As personagens diversificam-se socialmente e desenvolvem-se através da textualização de traços físicos variados e de uma espessura psicológica à qual se acrescenta a possibilidade de transformar-se entre o começo e o final do romance.”

A criação literária, por sua estrutura letrada, concerne ao que do sujeito leitor se enuncia: ela abala o que pela fala – habitada pela linguagem – não pode ser de todo dito; ela faz sentir. A literatura e sua ambição de *lituraterrear* [*lituraterrire*], tal qual o sujeito em sua análise, deslizando da letra (*letter*) para o lixo (*litter*), acomoda os restos (Lacan, 1971/2003). Pode-se assim compreender, através da teoria lacaniana, que “[...] o sujeito é dividido pela linguagem como em toda parte, mas um de seus registros pode satisfazer-se com a referência à escrita, e o outro, com a fala” (Lacan, 2003, p. 24).

Os textos literários passaram a ser lidos sob os olhos da psicanálise, e os conceitos da teoria puderam ser investigados junto à poesia, aos contos e aos romances, tal. Os dois contos de Lygia Fagundes Telles aqui mencionados, *A medalha* e *Uma branca sombra pálida*, condensam dramas da vida real e abordam sentimentos que causam estranheza por se tratar de histórias envolvendo mãe e filha. Ao mesmo tempo, conseguem apresentar a delicadeza que é própria da temática da devastação nessa relação. Ainda que não seja possível interpretar os escritos literários pela via do escritor, é convidativo sentir enquanto leitor. Ainda que não se possa alcançar a interpretação do objeto da arte – pois o escritor

não está no mesmo lugar do discurso que o analisando em sua experiência analítica –, a literatura se presta a uma análise, seja ela linguística, psicológica ou psicanalítica (Caldas, 2007).

A maternidade, no literal da fala e no avesso da escuta. A língua, escutada desde os primeiros momentos de vida, se estrutura na dimensão da materialidade da voz que vem do outro e na ranhura desconfigurada que seu som produz, sem deixar a especificidade de uma marca exata. Literal e litoral, língua e *alíngua* (*lalíngua/lalangua*). Lacan joga com tais palavras para falar da linguagem que atua no sujeito e dos tropeços que nela o sujeito dá. Para falar do significante, que sempre se antecipa ao sentido e que, adiante, dele desdobra sua dimensão (Lacan, 1957b/1998a).

Psicanálise e literatura, juntas, mostram que para viver é preciso inventar. A personagem Gina, do conto *Uma branca sombra pálida*, não conseguiu ir muito longe em sua criação: calou-se de vez, ainda jovem. Já Adriana, personagem do conto *A medalha*, prova da morte em vida, repetindo fracassos na tentativa de deles se esquivar. No que concerne às suas mães, em ambos os contos, estas transbordam sobre as filhas suas incógnitas de mulher, tornando-as prisioneiras de seus desejos devastadores. Dois lados que pelas semelhanças se encontram, e que pela intensidade das demandas e pelos desentendimentos dos ditos se chocam. É por meio desse lugar grandioso, de filhas que demandam incessantemente às mães e de mães que demandam incessantemente às filhas, que Lygia Fagundes Telles mostra não só o poder da palavra, mas o poder da palavra de uma mãe.

7 A MEDALHA: OS FRACASSOS DA MATERNIDADE E DO FEMININO PASSADOS ADIANTE

A medalha é um dos contos que fazem parte do livro *A estrutura da bolha de sabão* (1991), de Lygia Fagundes Telles. A narrativa apresenta a história de uma mãe/mulher que mantém com sua filha um relacionamento difícil, repleto de amargura e sofrimento. É possível perceber, ao lê-lo, quanta aflição há no vínculo entre Adriana e sua mãe, duas mulheres que se ferem durante todo o diálogo estabelecido no conto. Como é próprio da escrita de Lygia, os detalhes levam o leitor a identificar-se com um dos lados, mas é perceptível que as falas das personagens tomam forma de dor para as duas: mãe e filha

sofrem, retratando acontecimentos que, pela via da ficção, montam o conto, e pelo viés da realidade, na montagem da vida, camuflam suas verdades.

A história tem início com Adriana chegando de uma de suas noitadas com um homem que não é seu noivo, às vésperas de seu casamento. Ela sobe as escadas de casa na ponta dos pés para não chamar a atenção de sua mãe, que ainda a aguarda sozinha e acordada em sua cadeira de rodas. Ao ouvir o rangir dos degraus, chama-lhe aos gritos: “Adriana!” (Telles, 1991/2018, p. 265). Ela, tal qual uma criança rebelde, mas temerosa, vai ao seu encontro, sem que o contato ultrapasse a linha da porta do quarto. Nesse momento, ambas trocam farpas e se machucam com palavras, talvez por não conseguirem dizer, cada uma em seu lugar de mulher, sobre as suas próprias angústias. O quarto de sua mãe fica no andar superior da casa: de lá, através de sua janela, ela vê o mundo e a movimentação de Adriana. Uma mulher cadeirante que tem, entre ela e o mundo, uma escada pela qual não pode passar, um trajeto intermediário que denuncia a mulher que há em Adriana, trazendo à tona um feminino que “pisa” no insuportável dessa mãe, que também é uma mulher.

Tudo se passa na madrugada. Adriana sai – o que aparenta ser algo corriqueiro –, enquanto a mãe a aguarda para tecer-lhe comentários a respeito de suas relações triviais com os homens, estando ela prestes a casar: “Precisava ser também na véspera do casamento? [...] Cadela. Já viu sua cara no espelho, já viu?” (Telles, 1991/2018, p. 265). Adriana está às vésperas do casamento, mas não fala de seu noivo, ou melhor, do genro de sua mãe com muito afeto: fala dele, enfaticamente, como uma via para agredi-la. Ainda casando, a filha segue presa à sua ligação com a mãe. Sabendo que os negros não são benquistos por ela, é com um que Adriana decide se casar.

Não deve ser mesmo muito agradável, concordo, um saco ter uma filha casada com um preto, ih! Que saco. Preto disfarçado mas preto. Já reparou nas unhas dele? No cabelo? Reparou, sim, você é tão esperta, um faro! Sou branca, tudo bem, mas meu sangue é podre (Telles, 1991/2018, p. 267).

Adriana percebe os traços do noivo e sabe do horror da mãe quanto às pessoas de cor preta. Ela sabe que é uma forma de machucar a outra, mas, no jogo de quem ofende mais, Adriana não machuca somente a mãe: machuca a si mesma, negando a si, inconscientemente, o direito de viver uma história diferente. Um corpo adulto cravado na infância, uma filha que se percebe estar perdida de seu desejo, amarrada a inúmeras tentativas de ter sua demanda correspondida pela mãe.

Ao passo que do intenso e integral olhar de uma mãe é preciso se afastar, dele também se necessita para que uma existência possa ser construída, pois, se o sujeito tem lugar no desejo de sua primeira figura de amor, posteriormente ele será capaz, ao distanciar-se, de reviver com outros o sentimento – ainda que desconfigurado do de origem – de ser pertencente a algo ou alguém, sem que sua busca seja necessariamente um fracasso. Adriana não consegue separar-se de sua figura primordial porque, nessa maternidade insaciável, a mãe não cessa de lhe demandar, mantendo-a presa como seu objeto de gozo, lugar este sempre mortífero.

Adriana é a filha que não lhe satisfaz, que está sempre confrontando-a, possivelmente como uma tentativa de resistir a essa objetificação, ainda que dela não escape. Sobre o desejo insaciável da mãe, Lacan afirma: “Esta mãe insaciável, insatisfeita, em torno de quem se constrói toda a escalada da criança no caminho do narcisismo, é alguém real, ela está ali e, como todos os seres insaciados, ela procura o que devorar, *quaerens quem devoret*” (Lacan, 1957a/1995a, p. 199).

Para que a criança escape ao devoramento da mãe, esta precisa direcionar a mira de seu desejo para um outro que a faça sentir-se, além de mãe, mulher. A mãe precisa amar a criança a ponto de entendê-la como outra e permitir que, para além dela, ela seja um alguém. Isso só pode acontecer quando a figura da mãe, enquanto mulher, volta-se para um outro como objeto, pois é assim que se configura sua existência na dialética social. Esse outro, para o qual a mãe/mulher se colocará na posição de objeto, é um terceiro que terá, na intensa relação desta com a filha, uma função fundamental. Esse terceiro termo é o pai, como presença de um “personagem, desejo ou rival”, que permitirá ou não que a filha se torne uma criança demandada (Brousse, 2004, [tradução nossa]).

A mãe precisa ser interditada pela lei oriunda da metáfora paterna para que ela ame a criança, reconheça-a como tal, tome-a para si e, só posteriormente, depois de fazê-la provar dos sentimentos de zelo e amor, deixe-a ir, e para que, como mulher, também possa seguir. Inicialmente, objeto de desejo como filha; mais adiante, objeto de desejo como mulher: é experienciando o lugar de existência rudimentar para o Outro que a criança prosseguirá fazendo-se existir para alguém, porque assim, na vida, ela entende que há um lugar onde ela pode ser. O não reconhecimento no desejo do Outro tem, para o sujeito do inconsciente, valor de morte. Ainda que dele seja necessário afastar-se, é por meio dele que o sujeito configura sua existência.

No caso da menina, o desdém materno tende a custar ainda mais caro, já que, por não ter um significante que defina sua condição de mulher, ela necessita de uma figura a quem possa endereçar suas indagações em torno de um corpo marcado pela ausência de um símbolo capaz de defini-lo na coletividade, pois é a partir de um símbolo que a criança pode ser significada: um significante que, enquanto sujeito, possa fazê-la reconhecer-se (Brousse, 2004). Ainda que o retorno das indagações esteja fixado no campo da insatisfação, é preciso ao menos supor que haverá alguém que possa acolhê-las.

A personagem literária apresenta a realidade psíquica de uma filha devastada, que segue com os homens o caminho da devastação. Como afirma Marie-Helene Brousse (2004, p. 65): “Um homem devastação para uma mulher, é aquele que reaviva o sem-limite do gozo feminino não saturado pela função fálica”. Adriana é uma mulher devastada, apaixonada por um primo que a abandonou e que é mencionado no conto como um devasso, cheio de doenças sexualmente transmissíveis e, o mais importante, que não a protegeu. Desse primeiro amor – que no contexto parece não resolvido –, ela se lança para outras relações em que sua existência não se faz importante. Sabendo que nisso a filha fracassa, com isso a mãe goza.

A autora traz, sob o formato da escrita, vivências traumáticas de femininos que não se correspondem, porque, no tocante à devastação, a troca fálica é impossível, uma vez que aquilo que deveria ter feito da mãe objeto na estrutura da troca escapa à lei simbólica. Isso faz com que esta permaneça “como Outro real, interpretada como Outro do gozo” e, assim, nessa relação, ela convoca ora a fusão impossível, ora a perseguição (Brousse, 2004). Nos desencontros entre ambas, é a ofensa que marca presença.

Duas mulheres que não conseguiram separar-se das histórias de suas mães, não conseguiram romper os laços que as sufocavam e que lhes usurpavam o direito de escolher suas próprias máscaras, em que ambas pudessem suportar a castração. Casamento, solidão e fracasso são pontos cruciais nesse conto e marcas profundas nessas mulheres. Adriana sabe que seu casamento será um fracasso, mas, como quem sobe a escada rolante do lado em que ela desce, permanece pisando no mesmo degrau, ou melhor, pulando o seu mais importante degrau: aquele em que seu feminino faz barulho. Pensando estar fugindo do destino funesto que circunda as mulheres de sua família materna por três gerações, Adriana segue colada a significantes que a mantêm no mesmo lugar: o de uma mulher que, no fim, é sempre abandonada, sozinha.

A repetição está nas entrelinhas do texto: o ordenamento das palavras coloca em vista histórias que se repetem, mulheres que carregam no pescoço os ruídos de uma linguagem materna que segue pendurada na corrente. Uma relação tão intensa e intrusiva, que a filha sente não ter direito à própria vida, como se a vida que a mãe lhe concedeu implicasse uma dívida que circula entre mãe e filha, dívida que se paga ou com seu próprio corpo ou com o corpo da criança que vier a ter, como uma tentativa desesperada de separar-se da mãe. Porém, essa dívida de gratidão não pode estar fixada no passado: precisa situar-se no futuro para que a filha não viva aprisionada à mãe e para que, de tal modo, seja possível a transmissão da vida (Zalcberg, 2003).

O conto traz, sutilmente, essa ligação que se estende à filha, à mãe e à mãe da mãe. O casamento de Adriana se conjuga a dois outros casamentos, o de sua avó e o de sua mãe; quanto ao primeiro, nada se sabe, mas o segundo, o casamento de seus pais, toma destaque no texto por seu fracasso. Não há uma fala de apaixonamento e afetuosidade na menção feita à figura do marido falecido, o pai de Adriana. A filha o defende dos xingamentos feitos pela mãe, xingamentos estes que recaem sobre ela, já que, aos olhos da mãe, ela é o pai encarnado.

- Cínica. Igualzinha ao pai. Ele ia achar graça se te visse assim, aquele cínico.
- Não fale do meu pai.
- Falo! Um cínico, um vagabundo que vivia no meio de vagabundos, viciado em tudo quanto é porcaria. Você é igual, Adriana. O mesmo jeito esparramado de andar, a mesma cara desavergonhada... (Telles, 1991/2018, p. 266).

A figura do pai é passageira no conto, mas a menção a ele marca a importância de sua função no interdito do gozo da figura materna. A mãe permanece, intensamente, tentando fazer cair esse homem, esse nome, o Nome-do-Pai. Como afirma Brousse (2004, p. 61), na devastação o desejo da mãe “comporta uma zona obscura não saturada pelo Nome-do-Pai, e como tal sem limite definido”. É a função simbólica do pai que interdita o desejo devastador da figura materna.

O infantil está em cena desde o início do conto, quando Adriana, mulher de idade adulta, sobe as escadas na ponta dos pés para não fazer barulho e acordar a mãe, que não dorme a esperá-la. É como criança que ela responde ao seu chamado impositivo: “Adriana!”. É também como criança que ela permanece por um longo período parada, em pé na porta entreaberta, perguntando, por mais de uma vez, entre uma ofensa e outra: “Acabou mãe? Já posso ir dormir?” (Telles, 1991/2018, p. 265). De lá não sai, enquanto

ela não lhe autoriza. Como afirma Colette Soler: “São as palavras da mãe, seus imperativos e seus comentários, que inscrevem na memória a voz, às vezes devastadora e persecutória, que o analisando evoca com tanta frequência” (Soler, 2005, p. 99).

Devastada em sua relação com a mãe e devastada em sua relação com os homens, Adriana segue repetindo a amargura dos amores que, mesmo na infelicidade, são levados ao altar. A infelicidade no amor parece uma condição para essas mulheres: elas levam à frente, cada uma a seu modo, a desgraça de não conseguirem inventar formas próprias e autorais de serem mulheres. Três mulheres e uma medalha; uma história entre mães e filhas cheia de mágoas e ressentimentos, presas não só pela medalha que passou de mãe para filha por três gerações, mas, principalmente, pelos desentendimentos das demandas que se lançam e se chocam intensamente.

8 UMA BRANCA SOMBRA PÁLIDA: QUANDO A MATERNIDADE RONDA A MORTE

Uma branca sombra pálida é um conto de narrativa forte que faz parte do livro *A noite escura e mais eu* (1995), de Lygia Fagundes Telles. Nele, a relação entre mãe e filha, novamente, toma destaque na história, mas desta vez a narradora é a mãe, e o cenário principal, um cemitério. Facilmente o leitor é transportado à cena e ao contexto, envolvendo-se no drama e na vida ficcional das personagens. Pela potência da criação literária, a relação desmedida entre mãe e filha é alcançada por meio da materialidade da escrita, no encontro com as palavras, deixando à flor da pele dilemas, dores, amores e desamores que rodam o universo da mulher e da maternidade. A mãe, que no conto não tem nome, mantém com sua filha, a quem chamava de pequena Gina, uma relação conflituosa que se intensifica após a morte do pai da jovem.

A referência à filha como “pequena” (Gina) dá ao texto ainda mais substância para que o leitor perceba a onipotência dessa mãe: uma palavra que ora pode estar vinculada à diminuição, ora pode ser utilizada para enfatizar um ato de carinho, mas que, particularmente nesse enredo, vem potencializar uma relação em que não cabem duas mulheres. Para a mãe, Gina era pequena, e assim deveria continuar sendo. Tornando-a pequena, ela não precisaria ver um outro feminino surgindo à sua frente e continuaria conduzindo sua criança ao seu bel-prazer.

Quando uma mãe coloca a criança como algo que faz parte do interior de seu próprio corpo, sendo incapaz de lhe dar um corpo imaginário, tomando-a como uma mera extensão do seu, ela condena a criança a um destino totalmente alienante, sem um corpo próprio; restará a essa criança, como função de vida, testemunhar a onipotência da função materna (Zalcborg, 2003). Nessa narrativa, a incapacidade de uma mãe de reconhecer para além de si a existência de uma filha, com corpo e desejo próprios, fez dessa maternidade uma tragédia.

A história se passa em um cemitério, onde a mãe de Gina narra o contexto que desembocou na morte de sua filha. A forma com que as palavras são apresentadas no texto proporciona ao leitor a condição de sentir a raiva presente no relato dessa mãe e o conflito existente nessa relação devastadora. Mãe e filha presas uma à outra; uma totalidade que resulta em uma filha sem voz, com sua feminilidade devastada. Um gozo mortal, um sofrimento em vida para ambas.

No conto, Gina é uma jovem de 20 anos que tem uma forte amizade com Oriana, algo que desencadeia em sua mãe intensos sentimentos de reprovação e desagrado. As duas amigas costumavam se divertir no quarto, enquanto a mãe, do lado de fora, fervilhava pensamentos sobre como a filha e sua amiga estariam se relacionando, deixando em suspenso uma possível relação amorosa entre elas. A juventude e a satisfação refletidas em ambas são retratadas com antipatia pela mãe, sendo perceptíveis, em sua fala, sentimentos de inveja e até mesmo de competição. Segundo Malvine Zalcborg,

a criança [...] toca a causa do desejo da mãe porque desperta nela não apenas a mãe, mas, além disso, desperta nela a mulher em falta. Significa que uma criança tanto se relaciona com sua mãe como com a mulher existindo nela (Zalcborg, 2003, p. 128).

A mulher contida na mãe de Gina não cessa sua voz imperativa: “Ou ela ou eu, você vai saber escolher, não vai?” (Telles, 1991/2018, p. 447) – ela se impõe na noite anterior ao suicídio da filha. Toda menção à filha ocorre, no texto, de forma consideravelmente ríspida. Em algumas passagens, ela demonstra seu desconforto quanto à relação de proximidade que existia entre Gina e seu pai. O pai tinha uma função importante diante do gozo devastador dessa mãe, mas não foi suficiente para que o Nome-do-Pai pudesse ser instaurado e, assim, romper essa relação intensa separando a filha de sua mãe e possibilitando entre elas trocas simbólicas (Zalcborg, 2003). Uma frase, no

texto, mostra uma das tentativas desse pai de barrá-la: “Deixe a menina em paz” (Telles, 1991/2018, p. 447). O conto aponta toda a complexidade possível numa relação entre mãe e filha, dando destaque à nocividade que uma figura materna pode representar quando a metáfora paterna não se inscreve, restando ódio, hostilidade e sofrimento como pontos centrais. Um conto que fala de gozo, objeto, desejo: vida e morte.

As flores surgem, nesse conto, considerando suas cores, como representação de uma sexualidade viva e ao mesmo tempo aplacada. Elas estão presentes durante todo o texto: as vermelhas marcando a sedução no relacionamento entre Gina e Oriana; as brancas, situadas como apagamento, morte. No cemitério, a mãe verbaliza intenso ódio ao ver as rosas vermelhas deixadas por Oriana para sua filha: “Você é suja! [...] me inclino diante da jarra das rosas vermelhas. Choveu, elas ficaram encharcadas. Depois veio o sol e as vermelhas se fartaram do calor, obscenas de tão abertas” (Telles, 1991/2018, p. 443).

As rosas são símbolos de sexualidade. Gina e Oriana tinham entre elas a vermelhidão, tão característica da paixão, representada nas rosas vermelhas que manifestavam seus sentimentos. A mãe de Gina entendia o que estava por trás daquelas rosas e, também, por detrás daquela porta, portanto, o vermelho presente nessa relação não lhe agradava nem um pouco, e, diante do insuportável de um sexual que lhe tocava o próprio corpo, a mãe de Gina escondia seu feminino na ausência de uma cor viva.

As expressões de amor ferido, emergidas no conto, oscilam entre vida e morte. Há momentos, no texto, em que a mãe observa a filha ainda viva em seu quarto, cuidando das rosas vermelhas que recebera de Oriana; olha para as rosas e também para a filha, com sua camisolinha curta e seus traços juvenis, transmitindo sentimentos de inveja, por não ser ela a dona daquele corpo jovem e daquelas rosas repletas de um desejo endereçado a uma outra mulher que não ela. Através da filha, a mãe experimenta muitas vertentes de sua própria sexualidade, manifestando-a na sexualidade da filha como retorno do recalado (Zalberg, 2003). Seu incômodo com toda aquela vida e excitação acompanha-a até o caixão e o túmulo da pequena Gina:

Eu já tinha ocupado com as minhas rosas brancas quase a metade do caixão quando Oriana veio de novo com suas rosas vermelhas e teve um gesto tímido. Posso? [...] Seus olhos brilhavam em meio das lágrimas, tem olhos bonitos e quando sorri, chega a ficar bonita, enfim, essas coisas da juventude. Posso? [...] Consenti com um movimento de cabeça, está bem, deixasse suas rosas obscenas aí no caixão mas só da cintura para baixo, ventre, pernas, ô! filha, eu deixei escapar (Telles, 1991/2018, p. 450).

Com toda sua beleza no jogo das palavras, a literatura possibilita à psicanálise estudar conceitos que, na realidade vivida, causam muita dor e sofrimento. Um desses conceitos, extremamente importante por marcar a especificidade da estruturação do sujeito feminino, é o conceito da devastação, que está no âmago do complexo de Édipo feminino. Um conceito que fala da relação primordial entre mãe e filha, em que a separação desses sujeitos se arrasta por muito tempo e, em alguns casos, por toda a vida. Marcando entre elas um excesso de gozo:

[...] a devastação, para uma mulher, constitui-se na relação com sua mãe, da qual espera receber mais substância do que do pai. [...] Essa substância, da qual a filha espera receber da mãe mais do que do pai, diz respeito à espera da menina de que sua mãe consiga lhe transmitir a feminilidade para conseguir responder à pergunta norteadora: o que é ser uma mulher? (Faria & Starling, 2019, p. 159 [grifo nosso]).

O que resulta dessa pergunta não é a resposta, mas a ausência dela. A mãe, enquanto uma mulher que também teve sua expectativa de resposta frustrada, fracassa na missão que pela filha lhe foi dada, dando sequência à corrente de um feminino em conflito com sua definição. Nessa relação, os ditos destruidores do Outro se sobrepõem ao desejo do sujeito, seja sutilmente ou de forma mais direta e/ou impositiva, considerando que “o eu da criança repousa sobre a onipotência da mãe” (Lacan, 1995c, p. 197). Então, a filha vive nos arredores da mãe, sem que, inconscientemente, se depare com uma brecha para que seu feminino tenha lugar e “liberdade” de ser, mesmo que não encontre uma resposta exata diante das inúmeras definições sobre o que é ser uma mulher. “Apesar de a experiência feminina não poder ser transmitida, as mulheres a buscam constantemente” (Zalcberg, 2003, p. 149).

Cada uma, a seu modo, precisará encontrar uma saída. No conto de Lygia F. Telles, a pequena Gina, diante do impasse com a mãe, encontrou saída na morte: um corpo que, não podendo ser e falar, cessou sua existência e calou-se de vez. Essa relação primordial de cada sujeito com a sua mãe foi continuamente estudada por Lacan, agregando outras questões a essa temática. Lacan introduz o conceito de devastação em O aturdido (Lacan, 1972/2003a), quando se refere a esse aspecto da relação mãe-filha pela primeira vez. Ele também prossegue falando sobre a função materna no seminário 17, onde afirma a importância do papel e do desejo da mãe na constituição do sujeito. Segundo Lacan:

O papel da mãe é o desejo da mãe. É capital. O desejo da mãe não é algo que

se possa suportar assim, que lhes seja indiferente. Carreia sempre estragos. Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão — a mãe é isso. Não se sabe o que lhe pode dar na telha, de estalo fechar a bocarra. O desejo da mãe é isso (Lacan, 1992a, p. 118).

Ao devorar a filha, essa mãe impede que haja uma separação dolorosa, mas necessária, mantendo-a numa posição de “fetiche materno” (Brousse, 2004, p. 60). A devastação faz com que esse rompimento com a mãe seja sempre adiado, bem como o desejo do próprio sujeito, que estará sempre às voltas com o desejo desse Outro. O conceito da devastação pode ser potencialmente observado no conto aqui referido. Nele, Gina clama por essa mãe: “[...] Mãezinha, mãezinha!...” (Telles, 1991/2018, p. 448). Mas essa súplica de amor parece ter fracassado até mesmo depois de sua morte.

Passei esses três meses tentando provar — a quem? — o quanto estava sofrendo e assim entrei numa voragem de pequenas obrigações, missas, roupas pretas, o capricho na escolha deste túmulo aparentemente modesto mas da melhor qualidade. Até que me veio de repente a indignação [...] chega, não foi isso que ela quis? Não foi? Então deve estar satisfeita, sua vontade foi cumprida. E se eu mesma me envolvi nessa espécie de polêmica com Oriana é porque estranhamente esses jogos florais me excitam. (Telles, 1991/2018, p. 445).

Além das flores, a música também tem um importante espaço no conto. Ela surge como um elo de afeto entre Gina e seu pai e, mais adiante, entre Gina e Oriana. E disso a mãe também não fazia parte: ficava de fora, questionando os gostos e fomentando intenso despeito sobre a excitação que aquelas músicas causavam nas relações das quais ela não participava diretamente. Uma música em especial marca o conto. Trata-se daquela que deu o título ao texto: *A whiter shade of pale* (Uma branca sombra pálida), cantada pela banda Procol Harum.

Quando as jovens estavam no quarto, esse era o som que embalava os encontros entre as almofadas e o chão. Uma música profunda, que fala de paixão e despedida, de alegria e dor. Intensa e fantasmagórica, tal qual a relação de Gina com sua mãe: um fantasma que ela não conseguiu atravessar, mas por ele foi atravessada. Por essa música, três mulheres experienciavam diferentes sentimentos: Gina e Oriana dentro do quarto; a mãe, inconformada, do lado de fora. Isso é a música e seu poder de atingir o imperceptível de cada um. Como afirma Alain Didier-Weill:

[...] vocês já devem ter notado, que quando ocorre de a emoção musical nos invadir, que ela suscita dois movimentos, dois “estados de alma”, dos quais poderíamos provisoriamente dizer que realizam a conjugação de um estado de felicidade e outro de nostalgia psíquica (Didier-Weill, 2014, p. 41).

Diante disso, tem-se literatura e música para falar da vida, e tem-se a psicanálise para estudar tudo o que esses campos podem humanamente ofertar. O texto traz palavras que provocam impacto, que são capazes de suscitar sentimentos no leitor. Ficção que se assemelha a histórias da vida humana, e que pode fazer eco nos romances familiares de quem lê.

REFERÊNCIAS

BROUSSE, Marie-Helene. Uma dificuldade na análise das mulheres: a devastação da relação com a mãe. *In*: MILLER, Jacques-Alain (org.). **Ornicar?** De Jacques Lacan a Lewis Carroll. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. p. 57-67.

CALDAS, Heloísa. **Da voz à escrita**: clínica psicanalítica e literatura. Rio de Janeiro: Contra-capa, 2007.

DIDIER-WEILL, Alain. A nota azul: de quatro tempos subjetivantes na música. *In*: DIDIER-WEILL, Alain. **Nota azul**: Freud, Lacan e a arte. 2. ed. Rio de Janeiro: Contra-Capa, 2014. p. 9-79.

FARIA, Erika Vidal de; STARLING, Dannielle Rezende. Devastação feminina: o que pode uma análise? **Stylus**, Rio de Janeiro, n. 38, p. 155-164, jun. 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/stylus/n38/n38a09.pdf>. Acesso em: 12 maio 2022.

FREUD, Sigmund. **Sexualidade feminino (1931)**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago, 2016.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)**. Obras completas. v. 6. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade**: a feminilidade (1933). Belo Horizonte: Autêntica, 2019a.

FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade**: o declínio do complexo de Édipo (1924). Belo Horizonte: Autêntica, 2019b.

FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade**: sobre a sexualidade feminina (1931). Belo Horizonte: Autêntica, 2019c.

LACAN, Jacques. A função do véu (1957). *In*: LACAN, Jacques. **O Seminário – Livro 4**: relação de objeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995a. p. 153-166.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957). *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1998a. p. 496-533.

LACAN, Jacques. Édipo e Moisés e o pai da horda (1970). *In*: LACAN, Jacques. **O**

Seminário - Livro 17: o avesso da psicanálise. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1992b. p. 107-123.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem (1953). *In:* LACAN, Jacques. **Escritos**. v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1998d. p. 238-324.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo (1960). *In:* LACAN, Jacques. **Escritos**. v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1998f. p. 807-842.

LACAN, Jacques. O aturdido (1972). *In:* LACAN, Jacques. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003g. p. 448-500.

LACAN, Jacques. Aristóteles e Freud: A Outra Satisfação (1973). *In:* LACAN, Jacques. **O Seminário - Livro 20:** mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b. p. 57-96.

LACAN, Jacques. Deus e o gozo d'A/ mulher (1973). *In:* LACAN, Jacques. **O Seminário - Livro 20:** mais, ainda. Rio de Janeiro: Zahar, 2008c. p. 70-83.

RESENDE, Nilton. **A construção de Lygia Fagundes Telles:** edição crítica de Antesdo Baile Verde. Maceió: Edufal, 2016.

REUTER, Yves. **Introdução à análise do romance**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

TELLES, Lygia Fagundes. **Os contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ZALCBERG, Malvine. **A relação mãe e filha**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

Artigo enviado em: 01/12/2024

Artigo aceito para publicação em: 15/12/2024.